

SIMULACRO DE PRINCESA: UMA ANÁLISE DA POSTURA FEMININA EM “ENCANTADA”

PRINCESS’S SIMULACRO: AN ANALYSIS OF THE FEMALE POSTURE IN “ENCHANTED”

Gabrielly José Oliveira¹

Hoje, pensar a mulher é visualizá-la diante dos moldes femininos contemporâneos, desmistificando muitas posturas já impostas ao antes conhecido como: sexo frágil, assim, levando-as ao papel de inferioridade durante a maior parte da sua história. Em vista disso, buscaremos entender mais sobre a força feminina e como a mulher tende a agir encontrando-se em situações diferentes de seu convívio, conforme ocorre no filme “Encantada”. O longa é uma fantasia romântica e, por compilar dentro de si vários contos, pode ser considerado um “novo” conto de fadas. É um filme produzido pela Walt Disney em 2007, uma mistura de live-action e animação. Sua trama se divide nos personagens do mundo mágico de Andalasia, e do mundo real de Manhattan, New York. Sendo assim, este ensaio tem como tema a análise do filme “Encantada” (2007) dos estúdios Walt Disney, o qual apresenta a figura da mulher diante da representação de dois mundos.

No enredo do filme aparecem alusões a alguns contos, como: “A Branca de Neve”, “Cinderela”, “A Bela Adormecida” e histórias como “Alice no País das Maravilhas” e “King Kong”, a sua narrativa se constitui por intertextos construídos por essas obras que estão presentes dentro do seu enredo. A narrativa da obra faz a todo o momento paródia com os próprios contos de fadas, sendo inclusive, algumas cenas idênticas, mas com um tom muito mais humorístico – e algumas vezes sarcástico –, fazendo a mistura do verossímil e o inverossímil que é trazido para o mundo real. Sua trama retrata a saída da personagem Giselle (Amy Adams) do seu ambiente de convívio – o mundo mágico dos contos de fadas – para o mundo tratado como real no filme. Tal evasão é planejada pela Rainha Narissa (Susan Sarandon), para que seu enteado Príncipe Edward (James Marsden) não se case e ela possa governar o reino de Andalasia sozinha. Para isso a rainha conta com a ajuda de Nathaniel (Timothy Spall), o conselheiro do príncipe.

Ao chegar em New York, Giselle conhece a doce menina Morgan (Rachel Covey) e seu pai Robert (Patrick Dempsey), aos quais a moça pede ajuda para voltar ao seu mundo de origem. Nesse contratempo, Giselle se vê em situações desconhecidas, mas muito tentadoras, fazendo-a ter novas perspectivas e gostos diferentes. Ao conhecer Nancy (Idina Menzel), noiva de Robert, ela percebe que a mulher nesse novo mundo, pode ter uma forma totalmente diferente de viver. Fazendo assim ascender uma potência desconhecida até então.

O filme “Encantada” foi produzido pela *Walt Disney Pictures*, com o ano de 2007 como seu lançamento, e carrega uma narrativa clássica. Segundo Xavier (2005, p. 27), “[...] costumou-se dizer que um filme é constituído de sequências – unidades menores dentro dele, marcadas por sua função dramática e /ou pela sua posição na narrativa”.

Quando se refere à decupagem clássica, o autor trata como o processo de decomposição do filme e, salienta a importância da montagem para que através dela o filme se concretize e se regue de verdade, deixando para trás a ilusão de que o filme é apenas uma produção e carregando-o com a naturalidade. Xavier (2005), defende que essa naturalidade a qual integra as cenas diferentes em uma mesma sequência, integra também planos diferentes em uma mesma cena. “O plano corresponde a cada tomada de cena, ou seja, à extensão do filme compreendida

¹ Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, SC, Brasil.

entre dois cortes, o que significa dizer que o plano é um segmento contínuo da imagem.” (XAVIER, 2005, p. 27). Xavier (2005, ainda trata o cinema de Hollywood como uma representação naturalista, a qual tinha três elementos básicos, a decupagem clássica, a elaboração de uma método de interpretação dos atores e a escolha de narrativas populares, que são: a decupagem clássica que produz o ilusionismo e a capacidade de flagrar o mecanismo de identificação na obra, a elaboração de um método de atuação dentro dos princípios naturalistas dentro de um estúdio ou cenários também naturalistas e a escolha de histórias que circulam entre gêneros bem conhecidos e estratificados, populares e de leitura fácil.

O uso do termo naturalismo nesse caso não está ligado diretamente ao estilo da escola literária, ou seja, é usado pelo autor para referir-se à “construção de espaço cujo esforço se dá na direção de uma reprodução fiel das aparências imediatas do mundo físico, e à interpretação dos atores que busca uma reprodução fiel do comportamento humano, através de movimentos e reações ‘naturais’”. (XAVIER, 2005, p. 42). Tudo neste cinema é ponderado para parecer verdadeiro, e caminha em direção ao controle da realidade criada pelas imagens, funcionando para a representação não parecer de fato uma, anulando a sua própria presença. A partir disso, veremos como é vista essa representação em diferentes concepções, e nos deteremos a pensar o conceito de simulacro.

Desta forma, indaga-se como ela lidou com a situação da evasão, como enfrentou seus medos e como entendeu a sua potência. O desafio de analisar tal postura dentro de um filme infantil é ímpar, visto que levamos em conta a tensão e a contra ideia sobre a representatividade da mulher dentro da obra cinematográfica. A protagonista é vista como uma dissonância diante de dois mundos, em concordância com o Deleuze (1974), levando em conta que o simulacro anula o pensamento de estar representando, sendo modelo ou copiando algo ou alguém.

Em “Encantada”, os mundos que são ali representados não têm como objetivo demonstrar um modelo ideal a ser seguido, ou uma cópia de um modelo. O simulacro ali não é menos que o real, e no filme, a protagonista Giselle apenas encontrou a sua potência e acreditou que poderia vir a ser o que desejasse. De acordo com Deleuze (1974, p. 138), “o simulacro é construído sobre uma disparidade, sobre uma diferença, ele interioriza uma dissimilitude”. É sobre este fato que não se pode delinear o simulacro a partir de um modelo, pois ele nada pretende, pelo contrário, o simulacro não parte do modelo ideal, do mesmo, mas se trata do outro, a partir da sua dessemelhança sem pretensão, que integra o próprio simulacro.

O mundo real, Manhattan, é criado como um lugar em que não existe o final feliz; é o ambiente no qual as pessoas não podem ser felizes de verdade, ou não podem acreditar no melhor de si, deixando assim, toda carga do maravilhoso e da felicidade para o mundo das fadas, Andalasia. No entanto, no conto de fadas não seria tão maravilhoso assim, pois o poder do mal – caracterizado na Rainha Narissa – apresenta-se como um dos maiores influenciadores, ou seja, se não fosse pela rainha, Giselle não teria ido para New York.

Sobrelevando ainda que, no mundo das fadas, a forma tradicional de viver apresenta-se através do “felizes para sempre”, a princesa casando com um príncipe. Já no mundo representado como real é possível a figura feminina se colocar de uma forma diferente, no entanto seria esse um mundo que “não existe felizes para sempre”. É válido evidenciar também que, através dos personagens de Andalasia, é caracterizado implicitamente o quão preso aos padrões do tradicional conto de fadas os personagens estão, nesse momento, dentro do mundo real. Como exemplo, podemos usar o momento em que Narissa envia junto a seu espião Nathaniel, três maçãs envenenadas, para que ele consiga entregar a Giselle, a fim de matá-la. Durante a trama, duas tentativas foram extremamente falhas, mas na terceira, quando Narissa foi até o mundo, ela se transformou em uma velhinha oferecendo a maçã para Giselle, afirmando que resolveria os seus problemas; forma tradicional que aparece em outro conto de fadas (“A Branca de Neve”), salientando as marcas de intertextualidade presente na narrativa.

O tradicionalismo é presente em outros aspectos também, como por exemplo quando Giselle está perdida em suas decisões, e não sabendo que no mundo real ela pode fazer escolhas, aceita a maçã para esquecer de seus problemas, acomodando-se à situação de não colocar as suas vontades em primeiro lugar. Na verdade, a protagonista apenas aceita a fruta para esquecer seus problemas, e não por ser a sua real vontade, ou seja, aceita exclusivamente pelo fato de que, só comendo a maçã ela poderá esquecer-se do que realmente quer.

Como sabemos, o filme retrata as figuras femininas diante do mundo real e do mundo das fadas; cada um dos mundos apresenta suas características através de suas representações, pois na verdade, não trataremos de fato desses mundos e sim de suas representações através do viés realista do cinema.

A primeira personagem feminina que surge no enredo da obra é Narissa, a “rainha má” que governa o reino mágico de Andalasia ao lado de seu enteado, Edward. Narissa, uma mulher egoísta, cruel, regida por seu ego, vive os seus dias estudando métodos para afastar qualquer moça que viva no reino de Edward, pois não quer dividir seu posto de rainha com ninguém; mas em meio a esse destino, aparece Giselle, a personagem principal do filme. Narissa representa o mal, uma mulher com poderes mágicos, uma feiticeira capaz de se metamorfosear do que quiser, e mesmo com todo o trunfo entre as mãos, não pode ser feliz, pois o que define sua felicidade não é somente o seu reinado, mas a segurança que seu reino permanecerá seguro sem sua presença (considerada por si mesmo) onipotente. Mesmo que isso não esteja em suas mãos, pois existe algo mais precioso que a rainha, e no filme fica evidente que é “o beijo de amor verdadeiro”.

Giselle dentro do conto de fadas é uma moça encantadora, cabelos compridos e pele clara, de voz doce e afinada que sonha em encontrar seu príncipe encantado. Ela mora no alto de uma árvore, cercada por animaizinhos da floresta. Ao chegar ao mundo real, a priori, mostra-se a representação da tradicional figura feminina: limpa a casa, confecciona roupas, gosta de crianças e cultiva muitas rotinas trazidas do conto de fadas. Nesse momento podemos observar pontos de intertextualidade no que se refere aos contos de fadas que compilam o filme. No entanto, a posteriori, tem contato com outras situações, começa a sentir carinho por Robert, familiariza-se e conhece melhor New York, faz compras, vai ao salão de beleza etc.

No primeiro momento, Giselle apresenta-se nos padrões do conto de fadas, aceitando o pedido de casamento imediato de Edward, por pensar que somente casando ou encontrando alguém para sentir-se realizada, é que os seus desejos se realizariam e poderia ser feliz. No entanto, tudo acaba acontecendo de outra maneira, e quando ela surge em New York, acaba fazendo descobertas e percebendo que existem outros modos de viver e fazer escolhas, além da vida que ela conhece. Passa da garota ingênua para a empreendedora, uma mulher que precisa e quer alguém ao seu lado. Além dessas descobertas, ela descobre também que não precisa seguir nem os padrões do conto de fadas, e nem os padrões do mundo real, que apenas precisa encontrar a sua potência sem querer chegar a lugar algum, ou seja, encontrando o seu potencial e descobrindo que talvez não possa se definir.

Esse contato com outro tipo de mundo faz Giselle repensar sobre seu amor pelo príncipe Edward, bem como sobre sua vida em Andalasia. Ela muda sua postura, como também algumas escolhas, mesmo sentindo que no mundo encantado não será mais seu lugar. Inicialmente, acaba aceitando a sua condição de futura princesa, deixando para trás a sua vontade própria (de continuar em Manhattan), em busca de um mundo que não pertence mais à sua alma.

Nancy, namorada de Robert, inicialmente apresenta-se como uma mulher muito compenetrada em seu trabalho, independente, tendo uma vida muito agitada, dividida entre trabalho e sua vida pessoal, e sempre tentando se aproximar mais de seu namorado, que é muito fechado e quer ter um relacionamento extremamente “pé no chão” para evitar decepções; ao contrário dela, que busca um homem romântico, ou seja, uma espécie de refúgio da sua vida acelerada. Nancy é a segunda feminina escolhida para ser descrita, por ser uma mulher antenada e ter um noivado muito centrado com Robert, por cinco anos.

No auge de seu relacionamento, quando ela e seu noivo estão pensando em se casar, Nancy percebe que, após cinco anos, nunca quis estar de fato nesse noivado engessado, que não a permitia ser quem era de verdade. Nancy sempre quis um romance que pudesse levá-la a qualquer lugar e fazer qualquer loucura, considerando que mesmo com toda a vida construída em Manhattan, ela deixou tudo para trás, com o objetivo de viver um “felizes para sempre”, viver o amor, até então desconhecido dentro do mundo das fadas.

Ao conhecer Giselle, Nancy passa a ter uma visão diferente e um desejo pela vida tradicional do conto de fadas, representada pela protagonista. Nancy sente desejo de largar tudo para viver a vida dos sonhos dentro dos contos de fadas, junto ao príncipe. Tanto Giselle quanto Nancy, na medida em que vão se redescobrimo, percebem que não há mais nenhum ideal para seguir, ou seja, vão contra a tudo que eram capazes de acreditar até então. O sentido de seguir algo não é mais o rumo a tomar, e isso vem de encontro à Teoria Deleuzeana do simulacro, que não o trata como uma cópia degradada. Na verdade, tanto Giselle quanto Nancy surgem como um simulacro, suprimindo o original e as cópias, os modelos a serem seguidos e as representações, isto é, perfazendo o ideal, que na verdade elas não fazem parte. “Não basta nem mesmo invocar um modelo do Outro, pois nenhum modelo resiste à vertigem do simulacro.” (DELEUZE, 1974, p. 140-141).

Já a figura feminina mais doce do filme, Morgan, filha de Robert, é criada de uma forma totalmente não-tradicional: ainda bebê foi abandonada pela mãe, e quem cuida dela desde então é seu pai. A menina cresceu e se tornou uma criança afastada das fantasias presentes no encantamento de ser criança, mas mesmo assim, sonhadora. Isso fica ainda mais forte através do contato com Giselle, a qual lhe traz toda a fantasia e, mesmo sendo criada de uma forma regulada por seu pai, Morgan decide escolher ser uma menina doce e amorosa, acreditando na felicidade.

Entende-se que as personagens femininas ao longo da narrativa mudaram suas posturas diante das circunstâncias vividas por elas e, mesmo em meio a tantas mudanças, ainda permanecem alguns costumes. Percebe-se que no trânsito entre o mundo das fadas e o mundo real, as personagens ainda são tributárias a um ideal, cabendo a elas representá-lo. Em consonância com os conceitos elencados e – o simulacro a partir da reversão do platonismo – podemos observar o simulacro em trechos do filme, quando as personagens se encontram à margem dos ideais que supostamente deveriam corresponder; como já foi supracitado, o simulacro é justamente a dessemelhança.

O desenvolvimento do estudo possibilitou a análise da postura feminina dentro da obra cinematográfica “Encantada”, produzida pelos Estúdios Walt Disney. Sendo assim, pode-se perceber a postura feminina diante de três mulheres diferentes: Giselle, Nancy e Morgan. Enxergamos como essas mulheres lidaram com as situações durante o desenrolar do filme, levando em conta o amontoado de intertextos de outros filmes da Disney que essa obra cinematográfica compila.

Por fim, concluímos que a mulher representada em obras cinematográficas produzidas pelos Estúdios Walt Disney, é regada de encantamento, tendo uma alma doce, sempre ligada à natureza como um ser místico, detentora de um poder e, encantamento indescritivelmente impetuoso. É uma mulher representada através de ideais distintos, os quais a todo instante são atravessados por outros modelos, caros ao cinema, produzido em Hollywood. Por este motivo, em alguns trechos do filme, observamos em pequenos detalhes que a mulher pode vir a ser um simulacro, considerando os momentos em que traz uma sobreposição de acontecimentos sentindo-se perdida em meio às suas decisões, contrariando qualquer modelo. Isso se dá pela história da mulher, sua potência e persistência.

Referências

DELEUZE, G. Platão e o Simulacro. *In: DELEUZE, G. Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

ENCANTADA. Direção de Kevin Lima. Produção de Barry Josephson, Barry Sonnenfeld. Realização de Walt Disney Pictures. Intérpretes: Amy Adams, Patrick Dempsey, James Marsden, Susan Sarandon, Timothy Spall, Idina Menzel. Roteiro: Bill Kelly. Estados Unidos: Walt Disney Animation Studios, 2007. (107 min.), son., color. Legendado.

XAVIER, I. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

Sobre a autora

Gabrielly José de Oliveira é graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Sul de Santa Catarina, é Mestranda em Ciências da Linguagem pelo Programa de Pós Graduação da Universidade do Sul de Santa Catarina. É professora na Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina. *E-mail:* gabrielly.joseoliveiraa@outlook.com.